

Aspectos hipermodernos no conto “O importado vermelho de Noé”, de André Sant’anna

Hypermodern aspects in the short story “O importado vermelho de Noé”, by André Sant’anna

Paulo Ricardo Moura da Silva¹

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de Teoria e Estudos Literários, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de São José do Rio Preto. Professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG, campus de Ouro Preto. E-mail: mouradasilva.pr@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo primordial discutir criticamente o conto “O importado vermelho de Noé”, do escritor André Sant’Anna (2007), presente no livro *Sexo e amizade*, sob a perspectiva das reflexões de Gilles Lipovetsky (2004) sobre os aspectos fundamentais que constituem a hipermodernidade. Atentamo-nos em nossa leitura crítica para os diálogos possíveis entre o conto de André Sant’Anna e as discussões de Gilles Lipovetsky de modo a aproximá-los para verificar certos aspectos convergentes entre estes dois discursos, como, por exemplo, o consumo, a velocidade, bem como as ressignificações nas relações que os indivíduos hipermodernos estabelecem com o tempo.

Palavras-chave: André Sant’Anna; Gilles Lipovetsky; Hipermodernidade; Narrativa brasileira contemporânea.

ABSTRACT: The objective of this article is to critically discuss the tale “O importado vermelho de Noé”, by the writer André Sant’Anna (2007), present in the book *Sexo e amizade*, from the perspective of Gilles Lipovetsky’s reflections (2004) on the fundamental aspects which constitute the hypermodernity. We focus on our critical reading of the possible dialogues between André Sant’Anna’s tale and the discussions of Gilles Lipovetsky to bring them closer to verify certain converging aspects between these two discourses, such as consumption, velocity, as well as the resignifications in the relations that hypermodern individuals establish with time.

Keywords: André Sant’Anna; Gilles Lipovetsky; Hypermodernity; Contemporary Brazilian narrative.

Sob muitos aspectos, a narrativa brasileira contemporânea apresenta uma forte tendência em ressignificar suas relações representacionais com o real, sobretudo no que se refere à exploração estética da dimensão cultural da sociedade contemporânea, em sua condição fragmentária, instável, múltipla, individualista, consumista e midiática. Com o olhar apurado para as relações sociais, a ficção contemporânea parece lançar-se na perspectiva de busca pelos aspectos pisoteados da cultura a fim de produzir uma literatura que afete o leitor, ao mesmo tempo que seja afetada por ele (SCHØLLHAMMER, 2012).

André Sant’Anna é um dos escritores brasileiros que aparecem no cenário literário nacional a partir das últimas décadas, sobretudo por meio da participação em importantes antologias de contos, que são significativas para este momento da vida literária brasileira, como, por exemplo, *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Italo Moriconi (2001), e *Geração 90: os transgressores*, organizada por Nelson de Oliveira (2003). Com uma linguagem irreverente, André Sant’Anna parece elaborar suas narrativas a partir de um olhar agudo, irônico e crítico para a atual realidade sociocultural, especialmente para a realidade brasileira, embora, em tempos de globalização, não busque se restringir unicamente a ela. Nas palavras de Karl Erik Schøllhammer, um dos críticos brasileiros mais comprometidos com os estudos da ficção brasileira contemporânea,

Sant’Anna explora as repetições *ad infinitum*, forjando um ritmo oral em que a narrativa é achatada e banalizada num esvaziamento expressivo e na alegre afirmação de sua condição ideológica alienada. Há aí uma clara opção pela paródia do universo e da linguagem midiática, capaz de aglutinar os preconceitos populares da nossa realidade pós-moderna consumista, inventariada por simulacros (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 71).

A cultura midiática, bem como a sociedade do consumo parecem ser referenciais fundamentais para o tom pós-moderno da narrativa de André Sant’Anna, ou, conforme propõe Gilles Lipovetsky (2004), hipermoderno.

Sob muitos aspectos, os personagens, na sua grande maioria narradores-personagens, são instâncias ficcionais que se constituem literariamente como expressões ideológicas adesivas da ordem social, de tal modo que sua alienação, mais especificamente seu descomprometimento com as causas políticas forjadas pelo sentido de coletividade, possibilita certas argumentações, condutas e comportamentos ilógicos em seus aspectos tragicômicos. A partir da tendência à narrativa de primeira pessoa na obra de Sant’Anna, Schøllhammer observa que

o autor produz um duplo distanciamento em que a autorreflexividade é absorvida pela ficção; o que parece indicar simultaneamente que tudo isso é fictício, mas também que tudo é real, de modo que se inverte a hierarquia representativa literária tradicional (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 74).

Na ficção de André Sant’Anna, a autorreflexividade do narrador homodiegético não se realiza literariamente por meio de questionamentos metafísicos, crises existenciais ou investigações psicológicas de si mesmo, como na tradição intimista moderna. Ao contrário, pulsa, nas narrativas em questão, uma exterioridade superficial de personagens esvaziados que parece desestabilizar, na representação e no leitor, as noções de real e de ficção, sobretudo ao flagrar certos aspectos extremos da realidade sociocultural e ressignificá-los no âmbito da literatura.

De acordo com as reflexões de Leandro Salgueirinho (2009), podemos considerar que a expressão dos excessos na obra de André Sant’Anna está constantemente permeada pelo abjeto, sobretudo a partir da noção de abjeto pensada por Hal Foster, em *The Return of the Real* (1986). Para o crítico literário, “se tomarmos como exemplo o texto *O importado vermelho de Noé*, de André Sant’Anna (André, doravante), veremos que é quase didática a sua aplicabilidade àquela noção ‘cultural’ do abjeto” (SALGUEIRINHO, 2009, p. 74 – grifos do autor). Pela representação do abjeto, o escritor contem-

porâneo problematiza fronteiras para repensar, em termos literários, as percepções da realidade sociocultural em seus aspectos mais incômodos para a sociedade, em sua grande maioria.

Nesses termos, nossa proposta para este artigo se constitui da observação crítica das confluências, no que se refere aos aspectos hipermodernos, entre o conto “O importado vermelho de Nóe”, presente no livro *Sexo e amizade*, de André Sant’Anna (2007), publicado em 2007¹, e as reflexões de Gilles Lipovetsky (2004). “O importado vermelho de Nóe” narra, em primeira pessoa, o momento em que um grande administrador, que ostenta um lindo e luxuoso carro vermelho, importado da Alemanha, está rumo ao aeroporto para embarcar para Nova Iorque, cidade na qual, segundo o que ouviu no rádio, está chovendo dinheiro. Porém, o administrador está preso no trânsito da marginal Tietê e, a partir desta tensão, comenta (muito mais do que lhe desagradava por meio de um discurso que exalta a lógica administrativa, o consumo e a globalização, além de reafirmar posturas de exclusão de determinados grupos sociais, principalmente com relação aos negros.

Ao se elevar à condição divina e, ao mesmo tempo, humanizar deus, sua expectativa é que deus remova os carros da marginal para que ele possa passar tranquilamente e, assim, chegar até ao aeroporto em tempo hábil para embarcar em seu voo. Contudo, o rio transborda, o nível da água vai aumentando progressivamente e o narrador não desvia do seu caminho ou abandona o carro por se considerar um ser especial, merecedor de que deus intervenha na situação em questão para benefício do narrador. Sem a intervenção divina desejada, conseqüentemente, seu carro é tomado pela água e ele se afoga.

¹ O conto “O importado vermelho de Nóe” já havia sido publicado, também, na antologia *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Italo Moriconi (2001), antes da publicação do livro *Sexo e amizade* (2007).

Os estudos sobre a pós-modernidade indicam que vivemos em um tempo em que a fluidez, o excesso e a velocidade marcam significativamente as relações do sujeito com o mundo, com os demais seres humanos e consigo próprio. Entretanto, de acordo com as propostas de Gilles Lipovetsky, seria preciso notar que a sociedade foi “do pós ao hiper: a pós-modernidade não terá sido mais que um estágio de transição, um momento de curta duração. E este já não é mais o nosso” (LIPOVETSKY, 2004, p. 58).

Ao invés de compreender a pós-modernidade como todo o processo social, cultural, político e econômico que emerge, sobretudo, a partir dos anos 1960 até os dias atuais, Lipovetsky busca estabelecer, neste processo, dois momentos distintos, em que a pós-modernidade seria uma etapa anterior, de caráter transitório, à consolidação dos tempos hipermodernos, os quais vivenciamos atualmente. Segundo Lipovetsky, o consumo e a cultura de massa são aspectos que marcam a hipermodernidade de modo inerente, uma vez que “o universo do consumo e da comunicação de massa aparece como um sonho jubiloso. Um mundo de sedução e de movimento incessante cujo modelo não é outro senão o sistema da moda” (LIPOVETSKY, 2004, p. 60). Os cinco minutos de fama prometidos pela cultura de massa, a persuasão do discurso propagandístico e o poder das vitrines em seus holofotes buscam criar, nos indivíduos, a impressão de distinção em relação aos demais, vivenciada não pelo viés da solidão melancólica, mas do poder conferido pela raridade e pela singularidade.

A feliz comparação entre os tempos hipermodernos e o sistema da moda se deve porque a moda, de acordo com as palavras de Daniela Calanca, se constitui pela transitoriedade dos costumes:

Ora, quando a “paixão” pelo novo, pelo recente, pelo requinte, pela elegância, etc., e a renovação das formas tornam-se um valor, quando a mutabilidade dos feitios e dos ornamentos não constitui mais uma exceção, mas se torna uma regra estável, um hábito e uma norma coletiva – isto é, um costume –, então se pode falar em moda. Desse ponto de vista, a moda é

sempre um fenômeno de costume. Portanto, pode-se dizer que existe moda quando o amor pelo novo se torna um princípio constante, um hábito, uma exigência cultural (CALENCA, 2008, p. 12).

Diante do consumo e da cultura de massas, o novo, princípio fundamental da moda, emerge como necessidade de mais ou, em outras palavras, diante das novas possibilidades ofertadas pelo mercado, surge o desejo de lançar-se a experimentar o diferente que é oferecido e, desse modo, abandonar seus objetos e condições ditas ultrapassadas como perspectiva para ultrapassar a si mesmo, numa renovação do próprio ser que consome. Observemos a passagem inicial do conto “O importado vermelho de Noé”, de André Sant’Anna:

Está chovendo dinheiro em Nova York. Deu no rádio. Deu na CBN. E, com o meu carro vermelho, importado da Alemanha, logo estarei no aeroporto e voarei para Nova York pela American Airlines. O meu carro vermelho, importado da Alemanha, é veloz. Eu tenho poder de compra, e por isso comprei o meu carro vermelho, importado da Alemanha. Eu tenho empresas e sou digno do visto para ir a Nova York. O dinheiro que chove em Nova York é para pessoas com poder de compra (SANT’ANNA, 2007, p. 09).

A notícia de que está chovendo dinheiro em Nova Iorque chega até o narrador-personagem (que não recebe um nome no conto) por meio da rádio, mais especificamente da CBN – Central Brasileira de Notícia –, rádio criada em 1991, pertencente à Rede Globo, o que, logo de início, apontaria para a presença dos meios de comunicação de massa na vida cotidiana em tempos hipermodernos. Da maneira como o discurso é construído, a menção de que o rádio noticiou a chuva de dinheiro em Nova Iorque parece indicar que o narrador acredita que se trata de uma verdade e, nesses termos, a menção ao rádio buscaria comprovar esta veracidade, o que conferiria certa credibilidade aos meios de comunicação de massa na hipermodernidade.

Considerando a integralidade do conto, é interessante salientar que a chuva de dinheiro parece ser um elemento fantástico no conto, motivado por ação divina: “Deus toma as providências necessárias e faz chover dinheiro em Nova York. Milagre!” (SANT’ANNA, 2007, p. 10). A chuva de dinheiro tensiona os limites entre real e ficcional na narrativa, aspecto recorrente na literatura pós-moderna/hipermoderna, uma vez que não há fronteiras nítidas e seguras que possam separá-los com certa precisão. O leitor, então, começa a se questionar até que ponto a representação se constitui de elementos ficcionais e de elementos referenciais, já que a realidade sociocultural, reelaborada literariamente, também faz parte no jogo representacional do conto em análise.

Na passagem citada, observa-se a exaltação do consumismo e a ostentação dos bens de consumo, sobretudo no que diz respeito às referências ao carro vermelho, importado da Alemanha – que será repetida incessantemente ao longo da narrativa –, à empresa aérea American Airlines e à própria cidade de Nova Iorque, um dos grandes referenciais mundiais da cultura do consumo. O narrador parece conferir a si uma condição de superioridade pautada no seu alto poder de consumo, que, de acordo com suas concepções, lhe proporciona a dignidade de ter um visto para os Estados Unidos da América e, desse modo, ele se tornaria um ser distinto dos demais. O poder de compra não é simplesmente a oportunidade de consumir, mas, sobretudo, parece se estender como um poder do indivíduo sobre o mundo, de modo a criar uma atmosfera jubilosa em sua realidade.

O dinheiro é a porta de acesso ao novo: seja ao carro importado da Alemanha, seja ao visto que dá permissão de permanecer em um novo país. Nesses termos, Nova York é representada como um manancial das oportunidades com sua chuva de dinheiro, noticiada na rádio. Contudo, diferente do *american dream*, que prega a igualdade de oportunidade e liberdade para se conquistar os objetivos determinados pelo esforço do

seu trabalho, o narrador aponta para a restrição dessas oportunidades a quem já possui poder de compra, como é o seu caso. O poder de compra como condição para o acesso às oportunidades resulta no estabelecimento de distinções entre as pessoas, como podemos notar, também, a partir da seguinte passagem:

enxergo claramente a diferença entre o meu carro vermelho, importado da Alemanha, e os carros nacionais. A diferença que me separa definitivamente dos pedestres que invadem a via onde trafega o meu carro vermelho, importado da Alemanha (SANT’ANNA, 2007, p. 10).

Para o narrador, o carro, com todos os seus atributos, parece ser uma extensão do proprietário, capaz de evidenciar, aos seus olhos, os deslocamentos do sujeito hipermoderno com relação aos demais membros da sociedade. São os bens materiais, ou melhor, os bens de consumo que hierarquizam, separam e excluem as pessoas que circulam pelas vias urbanas, como podemos perceber, no trecho citado, por meio da nítida distinção, feita pelo narrador, entre o seu carro importado, os carros nacionais e os pedestres. Interessante notar que as palavras do narrador sugerem que as ruas deveriam ser espaços de circulação apenas de carros e não de pedestres, sobretudo ao indicar que os “pedestres invadem a via”, porque a utilização do verbo “invadir” sugere que a rua é um espaço que não pertenceria aos pedestres e, por isso, quando circulam pela rua, estariam fazendo um uso abusivo dela. Nesses termos, não se trata apenas de estabelecer uma distinção entre os indivíduos a partir de sua condição social, mas também de uma hierarquização a partir do modo de vivência do espaço urbano, em seu aspecto transitório, porque o que está em questão na referida passagem do conto não é se o indivíduo tem ou não um carro, mas se ele está ou não de carro naquele momento, uma vez que alguns daqueles pedestres até podem ter um carro, mas não o estão utilizando naquele instante. Em meio a esta

distinção, acalorada pela tensão vivenciada no trânsito da marginal Tietê, emerge os preconceitos do narrador:

eu tenho direitos. Direitos humanos. Mas não. Os direitos humanos servem apenas aos interesses dos criminosos pretos, que infestam as cadeias nacionais. Eu tenho direitos humanos internacionais, garantidos pela lei de Deus que me obriga a ir para a Nova York” (SANT’ANNA, 2007, p. 15).

O discurso reacionário e racista do narrador que percebe os Direitos humanos apenas como um privilégio dos marginalizados, em especial, os “criminosos pretos”, esbarra na percepção de que, então, ele, em sua ótima condição financeira, não poderia usufruir desse direito, uma vez que o narrador desfaz o caráter universal dos Direitos humanos para os compreender como direitos somente de um determinado grupo social. Entretanto, como o narrador se julga como uma pessoa para quem o mundo não tem barreiras, por causa do seu alto poder aquisitivo, o que, então, seria uma afronta ele não ter também “o seu Direitos humanos”, seu discurso resulta na afirmação ilógica de que o narrador possuiria Direitos humanos internacionais, assegurados pela lei divina, e que, pela perspectiva apresentada, seriam superiores aos Direitos humanos “comuns”, feitos para pessoas comuns, como, por exemplos, os criminosos pretos, o que, conseqüentemente, reafirmaria, em termos retóricos, a superioridade do narrador em relação aos demais. A superioridade dos direitos do narrador em relação aos direitos humanos dos demais se fundamenta no cruzamento de duas dimensões: a internacional e a divina. A dimensão internacional proporcionaria superioridade por ser uma organização humana que transcende os limites dos Estados nacionais e, como outras passagens do conto de André Sant’Anna sugerem, o internacional está revestido de mais valor do que o nacional, no caso do Brasil especificamente. A dimensão divina aponta para o sobrenatural que possuiria maior poder de intervenção

na realidade natural do que os seres humanos, sobretudo ao mencionar as leis divinas, tidas culturalmente como irrevogáveis, permanentes e infalíveis.

É significativo o individualismo, aspecto constitutivo da hipermodernidade, que marca o discurso, o pensamento e o comportamento do narrador. Na passagem citada, a afirmação de que o narrador tem direitos parece desconsiderar que as outras pessoas que estão presas no engarrafamento, rumo a seus compromissos, também têm os mesmos direitos que ele. O desejo de que os carros abram espaço para que o seu carro possa trafegar livremente indicaria que o narrador acredita que a realidade sociocultural deva se organizar única e exclusivamente a partir dos seus anseios, projetos e prioridades, já que ele supostamente seria tão superior aos demais. O poder aquisitivo gera a percepção ilusória de que o indivíduo seja VIP – *Very Important Person* – em todos os aspectos da vida social, independentemente do lugar e do momento, como o seguinte trecho do conto de André Sant’Anna aponta:

Uma falta de respeito ao meu poder aquisitivo, ao meu poder de compra. Eu tenho poder de compra e não posso admitir que o afrontoso rio Tietê com o excremento dos pretos e mais esses abjetos carros nacionais impeçam a trajetória veloz e perfeita do meu carro vermelho, importado da Alemanha, rumo a Nova York, onde está chovendo dinheiro (SANT’ANNA, 2007, p. 14).

De acordo com o narrador, o poder aquisitivo parece se converter em um poder quase titânico, que seria capaz de controlar, inclusive, as forças da natureza, representadas na passagem citada pelo Rio Tietê, e que, portanto, todos deveriam se curvar diante dele em posição de respeito. Ideologicamente, o consumo se insere nas dinâmicas sociais como forma que supostamente potencializaria as capacidades humanas para vivenciar a vida cotidiana com maior liberdade.

A tensão narrativa surge do contraste, sempre conflituoso, entre a aparente garantia de sua liberdade fundamentada no poder de compra,

representada pelo desejo de percurso veloz e ininterrupto do carro importado, e as condições materiais do trânsito na marginal Tietê que impedem o exercício dessa suposta liberdade. Diante desse conflito, o narrador se coloca como quem não pode admitir esta situação e se subjugar ao tolhimento dos seus direitos, em uma visão distorcida ideologicamente de sua capacidade ilimitada de atuação na esfera social. Conforme sugere Lipovetsky (2004, p. 60), o consumo é marcado pela efemeridade, que nos seduz, mas os efeitos do ato de consumir são breves e, por isso mesmo, cria-se a necessidade do

“sempre mais” que mobiliza os desejos individuais, as práticas sociais e as vivências culturais: a mitologia da ruptura radical [da modernidade] foi substituída pela cultura do mais rápido e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação (LIPOVETSKY, 2004, p. 57).

Na hipermodernidade, a lógica do consumo desenfreado não se restringe apenas ao momento da troca comercial e, por extensão, ao âmbito econômico, uma vez que também pauta os processos subjetivos, sociais, culturais e políticos. O incessante, o novo, o excesso e o maior estão implicados na vivência hipermoderna do mundo, como podemos notar na seguinte passagem do conto em análise:

Ergui empresas, venci obstáculos, ultrapassei limites, atingi todas as metas, e agora vou para Nova York, onde está chovendo dinheiro. Possuo as qualificações necessárias, os dotes exigidos, e sou livre para ir a Nova York, onde está chovendo dinheiro (SANT’ANNA, 2007, p. 09).

No âmbito do sujeito hipermoderno, a liberdade parece se construir a partir de uma expansão constante dos limites individuais, que reverberaria a potência e o poder de ultrapassar seus próprios limites e ressignificá-los por meio do desejo do “sempre mais”. No trecho acima, o narrador enumera

aspectos que demonstram o seu sucesso profissional como administrador e, conseqüentemente, seu sucesso pessoal na vida, conquistados pela capacidade de ir além, o que proporcionaria a possibilidade de ele chegar a esse espaço “além”: Nova Iorque, a cidade que está chovendo dinheiro. Nesses termos, Nova Iorque é, nas palavras do próprio narrador, a “Terra Prometida” (SANT’ANNA, 2007, p. 11), alusão à Canaã, terra que, pelas passagens bíblicas, o deus judaico-cristão haveria se comprometido a dar a seu povo. Nova Iorque seria o lugar da chegada, a concretização que cessa a busca, a cidade da estabilidade financeira e, conseqüentemente, da estabilidade dos indivíduos, porque a chuva de dinheiro garantiria segurança e liberdade aos seus habitantes.

Porém, o narrador não está em Nova Iorque, está em São Paulo, na marginal Tietê, rumo à Nova Iorque. O conto, sob esta perspectiva, torna-se o périplo da busca hipermoderna pelo mais, uma vez que Nova Iorque poderia figurar o espaço que proporcionaria a ruptura do narrador com a cultura e a sociedade as quais pertence a fim de buscar algo a mais em sua própria realidade, em outras palavras, chegar até Nova Iorque seria ultrapassar os limites sociais e culturais que o constituíram como sujeito, motivado pelo desejo de ter sempre mais em sua vida. Ademais, Nova Iorque é um símbolo do consumismo no mundo capitalista, o que parece revestir a cidade norte-americana também de uma dimensão ideal, como se ela fosse o ponto máximo de realização e bem-estar humano, que o narrador busca alcançar ao planejar a viagem para Nova Iorque, mas não consegue ter acesso a este espaço idealizado, porque termina afogado na marginal Tietê com a enchente.

Nova Iorque é a direção pretendida para quem está rumo ao mais: “estou indo para Nova York numa velocidade incrível, deixando para trás os pedestres e os carros nacionais” (SANT’ANNA, 2007, p. 10). Se a busca é pelo mais, esta mesma busca deve ocorrer, também, em uma velocidade

marcada pelo “mais”, pela intensidade, capaz de acompanhar as mudanças constantes da sociedade. Não há tempo para a espera, para a contemplação e para a inatividade, porque é preciso viver velozmente os instantes para que estejamos sempre a produzir algo. Nesses termos, estar preso em um engarrafamento, assim como o narrador do conto, é motivo de impaciência, de tormento e de inconformidade com relação à situação em que se encontra, porque se é forçado a uma lentidão que não condiz com os andamentos cotidianos da vida urbana hipermoderna, em que todos “corremos contra o tempo”, um clichê do senso comum que expressa adequadamente esta relação veloz com o tempo na contemporaneidade.

Diante da velocidade como marca temporal hipermoderna, Lipovetsky reconhece que a sociedade, na hipermodernidade, parece viver em um presente contínuo, aspecto já apontado por outros teóricos da pós-modernidade, sendo Jean-François Lyotard um dos primeiros a reconhecer na pós-modernidade as relações temporais marcadas pelo eterno presente (LYPOVETSKY, 2004, p. 59). Para Lipovetsky:

A partir dos anos 80 e (sobretudo) 90, instalou-se um presentismo de segunda geração, subjacente à globalização neoliberal e à revolução informática. [...] De um lado, a mídia eletrônica e informática possibilita a informação e os intercâmbios em “tempo real”, criando uma sensação de simultaneidade e de imediatez que desvaloriza sempre mais as formas de espera e de lentidão. De outro lado, a ascendência crescendo do mercado e do capitalismo financeiro pôs em xeque as visões estatais de longo prazo em favor do desempenho a curto prazo, da circulação acelerada dos capitais em escala global, das transações econômicas em ciclos cada vez mais rápidos (LIPOVETSKY, 2004, p. 62-63).

A sociedade hipermoderna criou as bases materiais necessárias para que os indivíduos vivenciassem o tempo a partir da percepção de que estão centrados essencialmente no presente e, desse modo, é preciso estar em constante movimento para que possamos acompanhá-lo, já que

facilmente ele nos escapa. Interessante notar que, em diferentes passagens, o conto de André Sant’Anna situa a narrativa no momento presente, mais especificamente no engarrafamento da marginal Tietê:

As bactérias nojentas do rio Tietê estão invadindo a via onde o meu carro vermelho, importado da Alemanha, tenta trafegar. O meu carro vermelho, importado da Alemanha, tenta trafegar velozmente, mas os carros nacionais impedem seu veloz tráfego. No aeroporto, o vôo da American Airlines está esperando por mim (SANT’ANNA, 2007, p. 13).

Na passagem acima, o tempo da história e o tempo da narração são narrativamente simultâneos, em que ambos se constituem no presente, o que poderia sugerir a dimensão da presentificação da experiência hipermoderna no conto “O importado vermelho de Noé”. Assim como o carro que “tenta trafegar velozmente”, as ações são narradas no momento em que ocorrem, em uma tentativa de diminuir ao máximo o intervalo de tempo entre a história e a narração. Metaforicamente, poderíamos sugerir que o narrador parece buscar uma transmissão ao vivo dos fatos que vivencia, o que poderia aproximar, sob esta perspectiva, o conto de André Sant’Anna do universo midiático, aspecto de sua obra já apontado por Karl Erik Schøllhammer (2009, p. 70).

Interessante observar que, na passagem citada, o momento presente é representado como confluência de ações: as bactérias que invadem o carro, o carro importado que tenta trafegar livremente, os carros nacionais que impedem que o carro importado possa fazer seu trajeto conforme desejado e a companhia American Airlines que aguarda pelo narrador. Estar em um presente eterno parece não ser sinônimo de vivenciar, de modo ordenado, um acontecimento após o outro, mas estar imerso em uma dinâmica social múltipla, fragmentária e difusa. Porém, como afirma Lipovetsky, “o estado de guerra contra o tempo implica que os indivíduos estão cada vez menos

encerrados só no presente” (LIPOVETSKY, 2004, p. 76). Se o presente constituisse como elemento essencial da temporalidade hipermoderna, não podemos concluir que, então, o passado e o futuro foram completamente banidos da hipermodernidade, mas que se manifestam com certas particularidades.

Lipovetsky acredita que, com relação ao futuro, “na hipermodernidade, a fé [moderna] no progresso foi substituída não pela desesperança nem pelo niilismo, mas por uma confiança instável, oscilante, variável em função dos acontecimentos e das circunstâncias” (LIPOVETSKY, 2004, p. 70). A projeção hipermoderna do tempo futuro não se constitui da catastrófica descrença nos avanços do desenvolvimento, sobretudo técnico e tecnológico, da sociedade humana, mas, como sugere Lipovetsky, lançam-se hipóteses sobre o futuro cada vez mais incertas, imprecisas e flexíveis, porque dependentes do contexto situacional. No conto “O importado vermelho de Noé”, o futuro é presença marcante, sobretudo no que se refere ao projeto do narrador de ir a Nova Iorque, na qual acredita que poderá desfrutar de uma vida melhor do que a vida, já bem sucedida, que tem no Brasil:

estou a um passo do futuro magnífico, planejado, pessoalmente, por Deus, para mim, para Paulo e para os nova-iorquinos. Basta esperar que os insuportáveis carros nacionais abram passagem para o meu veloz carro vermelho, importado da Alemanha (SANT’ANNA, 2007, p. 11).

Podemos perceber, na passagem citada, que o narrador acredita em planos futuros, porém mostra-se consciente de que eles estão subordinados aos acontecimentos presentes, no caso, ao engarrafamento da marginal Tietê, que está impedindo-o de chegar ao aeroporto a fim de embarcar para Nova Iorque. Vale destacar ainda que o desejo de sempre mais, que caracteriza a hipermodernidade, faz com que o presente não esteja fechado em si mesmo, mas já aponte para o futuro que irá superá-lo, isto é, o presente mostra-se aberto às possibilidades vindouras do mais, do melhor e do grandioso.

Entretanto, como o conto em análise nos permite notar, não se trata de um futuro longínquo, que, para sua concretização, estão implicados longos e lentos processos de transformação do indivíduo e da sociedade, como determinadas utopias da modernidade previam, como, por exemplo, a revolução comunista. Trata-se de um futuro que já está às voltas com o presente, muito próximo, capaz de ser vislumbrado de modo menos idealizado e mais perceptível às dinâmicas da realidade sociocultural, o que aponta para o efeito de velocidade que marca as experiências temporais dos sujeitos hipermodernos, uma vez que a distância entre presente e futuro é o tempo de uma viagem de São Paulo a Nova Iorque.

Outro aspecto das reflexões de Lipovetsky que estabelece diálogos com o conto de André Sant’Anna se refere ao modo como certas tradições religiosas, que se constituíram no passado como elemento essencial da vida de uma comunidade, são resgatadas e ressignificadas na hipermodernidade:

no ocidente, muitos deles [movimentos que reavivam a chama do sagrado] se apresentam com traços que se conciliam perfeitamente com a cultura liberal do indivíduo legislador de sua própria vida (LIPOVETSKY, 2004, p. 93).

Nesse sentido, o passado adentra o presente hipermoderno por meio da espiritualidade revisitada, em que o indivíduo flexibiliza, reelabora e altera certos valores dos sistemas religiosos de modo a ressaltar sua liberdade individual. O sagrado recebe ressignificações sob a perspectiva da hipermodernidade para que a tradição religiosa evocada possa se converter aos interesses do indivíduo.

No conto “O importado vermelho de Noé”, como o próprio título já antecipa, certos aspectos da cultura judaico-cristã, mais especificamente determinadas passagens bíblicas, são ressignificados ao longo da narrativa

de André Sant’Anna. A primeira das referências diz respeito ao dilúvio, narrativa presente no livro do Gênesis, que se refere às chuvas que duraram quarenta dias e quarenta noites, para as quais Noé, sob ordens divinas, construiu uma arca a fim de abrigar sua família e um casal de cada uma das espécies de animais.

O conto de Andre Sant’Anna, no lugar de uma arca, traz um carro vermelho, importado da Alemanha, sob o qual caiu uma chuva que impede o narrador de chegar até a chuva de dinheiro que cai em Nova Iorque. O carro importado em meio à chuva incessante apontaria para a reelaboração da tradição judaico-cristã, porém uma transfiguração que ressignifica a referência bíblica em função do consumo, do lucro e da riqueza, uma vez que o narrador parece se perceber, metaforicamente, como um Noé hipermoderno em busca de atravessar a enchente da marginal Tietê, não para salvar a vida no planeta sob as ordens divinas, como no caso do Noé bíblico, mas para se esbaldar da vida nova-iorquina.

Para além de Noé, o conto também faz referência a Moisés, como podemos observar na seguinte passagem:

Dividirei o rio Tietê em dois e o atravessarei sozinho no meu carro vermelho, importado da Alemanha, rumo à Terra Prometida, que é Nova York, onde está chovendo dinheiro. [...] Os carros nacionais que atrapalham a veloz passagem do meu carro vermelho, importado da Alemanha, serão esmagados pelos vingadores de Deus (SANT’ANNA, 2007, p. 11).

A referência bíblica ressignificada no conto é a abertura do mar vermelho para que o povo hebreu pudesse sair do Egito, onde era escravizado, rumo à Terra Prometida, Canaã, guiado por Moisés. O conto, por sua vez, coloca em cena o desejo do narrador de que o rio Tietê se abra para que ele possa trafegar com o seu carro vermelho até o aeroporto e, desse modo, embarcar para Nova Iorque, a terra da abundância. Caso algum carro

nacional ouse atrapalhar o narrador em seu trajeto, este carro seria destruído, o que parece estabelecer um possível diálogo com a passagem bíblica em que, sob o mando do Faraó, que estava arrependido de ter permitido que os hebreus fossem embora do Egito com Moisés, os soldados egípcios tentaram impedir que o povo hebreu prosseguisse viagem. Os soldados encontraram os hebreus atravessando o Mar Vermelho, que estava partido ao meio de modo a criar um grande corredor por onde os seguidores de Moisés passavam, mas quando os soldados tentaram atravessar o mar que estava aberto, foram afogados pelas águas do mar que voltaram a seu estado natural.

A aproximação analógica entre Nova Iorque e a Terra Prometida da narrativa bíblica colabora para os aspectos representacionais do espaço ideal, referente à cidade norte-americana, que já mencionamos anteriormente, como lugar a se atingir após uma longa jornada. A Terra que o Deus judaico-cristão promete a seu povo corre leite e mel, mas a Terra Prometida hipermoderna é banhada pelo fluxo chuvoso de dinheiro que também busca satisfazer as necessidades dos homens, embora o desejo por mais nunca deixe de existir por ter, em um único momento, suas necessidades saciadas.

Outra relação entre a narrativa de Moisés e o conto de André Sant’Anna é que tanto o personagem bíblico como o narrador do conto em análise morreram antes de chegar à Terra Prometida, seja ela Canaã, seja ela Nova Iorque, o que parece indicar que Moisés seria uma referência significativa para a narrativa do escritor contemporâneo em questão. A morte que interrompe a chegada almejada eterniza a incompletude do périplo, que permanecerá sempre em aberto diante da instabilidade do “quase”, da possibilidade irrealizada em sua plenitude.

No conto em análise, o narrador, por vezes, rompe ainda com a hierarquia, estabelecida em termos religiosos, entre deus e seres humanos para se igualar à divindade e colocá-la a seu serviço:

são milhares de dólares em Nova York e milhares de dejetos humanos pretos aqui, na Marginal Tietê, na via onde o meu carro vermelho, importado da Alemanha, já não trafega mais. Deus... Deus, exijo uma providência. O prefeito tem que tomar uma providência (SANT’ANNA, 2007, p. 14-15).

O narrador, diante de uma situação complicada no trânsito de São Paulo, não se coloca como alguém que reconheça a superioridade, a grandeza e a força de Deus ante a fragilidade, a fraqueza e a limitação humana, como tradicionalmente as religiões pregam com seus dogmas e doutrinas, mas, em uma postura autoritária e, por isso mesmo, de subjugo de Deus às suas vontades, exige que Deus resolva o problema que vivencia. Ao mesmo tempo, cobra também providências do poder executivo da cidade, o que colocaria, no mesmo patamar ou em posições bem próximas, o plano divino e as organizações sociais e políticas, construídas pelos seres humanos.

A reconfiguração nas relações com o divino parece indicar que não haveria transcendência efetiva na hipermodernidade, uma vez que o mundo parece ser compreendido pela lógica do produtivismo, do tempo veloz e do desejo de sempre mais. São tempos hipermodernos, em que a fluidez marca o modo ágil com que o indivíduo se relaciona com o mundo e consigo próprio. Desse modo, conforme buscamos refletir criticamente ao longo deste artigo, parece-nos possível estabelecermos relações entre o conto “O importado vermelho de Noé”, de André Sant’Anna, e as reflexões de Gilles Lipovetsky a fim de buscarmos compreender as dinâmicas marcantes da hipermodernidade, sobretudo no que se refere ao consumismo, às relações temporais e ao individualismo.

Referências

- CALENCA, Daniela. *História social da moda*. Tradução Renato Ambrosio. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- FOSTER, H. *The Return of the Real*. Londres: AnOctober Book, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: os transgressores*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

SALGUEIRINHO, Leandro. Abjeção em textos de André Sant’Anna. *Viso: Cadernos de estética aplicada*, Niterói, v. 3, n. 6, p. 71-84, jan.-jun. 2009.

SANT’ANNA, André. *Sexo e amizade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Realismo afetivo: evocar realismo para além representação. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 39, p. 129-148, jan.-jun. 2012.

Recebido em 16/01/2017.

Aceito em 16/10/2017.